

## ENUNCIADOS DE PÁRA-CHOQUES: UMA PROPOSTA DE ANÁLISE TEXTUAL E DISCURSIVA <sup>1</sup>

Magda Regina Lourenço Cyrre<sup>2</sup>  
UFRGS

Nosso objetivo, através dos enunciados de pára-choques foi caracterizar o universo textual / discursivo desse corpus, identificando os elementos constantes e os mecanismos formadores de seu paradigma. A preocupação em elaborar um modelo teórico que desse conta dos aspectos enunciativos que envolviam o corpus, levou-nos a uma seleção criteriosa dos estudos teóricos. Dessa forma, os pressupostos deste trabalho fundamentam-se em *Saussure*<sup>3</sup> (concepção de valor); *Hjelmslev*<sup>4</sup> (plano do conteúdo e da expressão); *Greimas*<sup>5</sup> (figuras de manipulação); *Benveniste*<sup>6</sup> (o papel do sujeito na enunciação); *Ducrot*<sup>7</sup> (a estrutura polifônica) e *Austin*<sup>8</sup> (os atos de fala).

Constituído o corpus, formado por 71 enunciados de pára-choques, foi possível formular as seguintes hipóteses:

- (1) Os enunciados de pára-choques possuem tema definido: as mensagens versam sempre sobre os mesmos assuntos;
- (2) Os enunciados de pára-choques exploram em suas mensagens a conotação;
- (3) Os enunciados de pára-choques são atemporais: suas mensagens estão sempre atualizadas, não pertencendo nem ao passado, nem ao futuro;
- (4) O universo discursivo dos enunciados de pára-choques pode ser definido por um paradigma, isto é, pela ocorrência de um conjunto de constantes que o caracterizam;
- (5) Os enunciados de pára-choques são uma transformação textual/discursiva de provérbios, ditos e máximas.

Entendendo o corpus como um fenômeno enunciativo que encerra muitos elementos, com determinadas características formais, passamos a elaboração do quadro analítico. Com base em *Hjelmslev*, visualizamos o corpus em dois planos: o do conteúdo e o da expressão. O conteúdo como sendo a face abstrata da mensagem, o seu aspecto conceitual, o assunto. A expressão envolvendo os aspectos do sistema significante.

Para descrever o corpus no plano do conteúdo, construímos as seguintes categorias responsáveis pelo significado dos enunciados: tema, estrutura polifônica e figuras de manipulação. E para descrever o corpus no plano da expressão, consideramos importante a

---

<sup>1</sup> Resumo de dissertação de Mestrado apresentada à Banca Examinadora da UFRGS.

<sup>2</sup> Professora Mestre em Teorias do Texto e do Discurso pela UFRGS.

<sup>3</sup> SAUSSURE, F. *Curso de lingüística geral*. São Paulo: Cultrix, 1976

<sup>4</sup> HJELMSLEV, L. *Prolegômenos a uma teoria da linguagem*. São Paulo: Perspectiva, 1975.

<sup>5</sup> GREIMAS, A.J. et alii. *Análise estrutural da narrativa*. Petrópolis: Vozes, 1976.

<sup>6</sup> BENVENISTE, E. *Problemas de lingüística geral I*. 2. ed. Campinas: Pontes, 1988.

----- *Problemas de lingüística geral II*. Campinas: Pontes, 1985.

<sup>7</sup> DUCROT, O. *O dizer e o dito*. Campinas: Pontes, 1987.

----- *Enunciação*. In: Enciclopédia Einaudi. Linguagem e enunciação. Imprensa Nacional: Casa da Moeda, 1984.

<sup>8</sup> AUSTIN, J.L. *Quando dizer é fazer*. Trad. de Danilo Marcondes de Souza Filho. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990.

construção de categorias responsáveis pelo sistema significante: organização do enunciado, padrão frasal, índices formais e denotação / conotação. As sete categorias selecionadas para integrar os dois planos foram agrupadas em um quadro analítico que foi aplicado aos 71 enunciados que integram o corpus

<b>ENUNCIADO:</b>			
<b>C O N T E Ú D O</b>	<b>TEMA</b>	Núcleo Temático:	
		Distanciamento: (objetivo ou subjetivo)	
	<b>ESTRUTURA POLIFÔNICA</b>	<b>Presença de Vozes</b>	
		Voz 1: informativa	
		Voz 2: comunicativa	
	<b>FIGURAS DE MANIPULAÇÃO</b>	Voz 3: ideológica	
		Provocação:	
		Intimidação:	
		Sedução:	
		Tentação:	

<b>Complexidade</b>			
<b>E X P R E S S ÃO</b>	<b>ORGANIZAÇÃO DO ENUNCIADO</b>	Descritiva:	
		Narrativa:	
		Argumentativa:	
	<b>PADRÃO FRASAL</b>	I - Sujeito - verbo - (Adjunto Adverbial)	
		II - Sujeito - verbo - objeto direto - (Adjunto Adverbial)	
		III - Sujeito - verbo - objeto indireto - (Adjunto Adverbial)	
		IV - Sujeito - verbo - objeto direto - objeto indireto - (Adjunto Adverbial)	
		V - Sujeito - verbo - complemento adverbial - (Adjunto Adverbial)	
		VI - Sujeito - verbo de ligação - Predicativo (Adjunto Adverbial)	
		VII - Frase nominal	
	<b>ÍNDICES FORMAIS</b>	Modalidade: (realidade, eventualidade, potencialidade ou imposição)	
		Modo: (indicativo, subjuntivo ou imperativo)	
		Pessoa: (1ª, 2ª ou 3ª do singular ou do plural)	
		Tempo: (presente, pretérito ou futuro)	
		Outros: (orações, léxico ambíguo, vocativo)	
	<b>DENOTAÇÃO / CONOTAÇÃO</b>	<b>Tipo de Valor</b>	
		Denotado:	
	Conotado:		

A análise do conteúdo e da expressão do corpus, trabalhada por meio da aplicação do quadro analítico, permitiu que confirmássemos as hipóteses apresentadas. Com base nos resultados encontrados, foi possível tecer algumas considerações sobre às hipóteses apresentadas:

Quanto à primeira hipótese, verificamos que os enunciados apresentam grandes temas que, se não preocupam a humanidade de um modo geral, pelo menos interessam ao povo brasileiro. Realmente os enunciados de pára-choques possuem tema definido e suas mensagens versam sempre sobre temas do cotidiano os quais são oriundos do dia-a-dia do caminhoneiro e versam sobre mulher, homem, amor, religiosidade, pobreza, relações afetivas, comportamento e trabalho-dinheiro.

Em relação à segunda hipótese, constatamos que os enunciados de pára-choques são marcados pela conotação, seja em toda a mensagem, seja em algumas expressões. Do jogo estabelecido entre vocábulos denotados e conotados, é extraído o sentido subjetivo e circunstancial que se acrescenta à acepção usual de uma palavra ou expressão do enunciado. As comparações e outros recursos de estilo tais como metáforas, metonímias, inversões, antíteses e barbarismos também estão presentes nos enunciados de pára-choques. Nessas figuras, fica aqui a sugestão para estudos posteriores, juntamente com outros aspectos não contemplados por esta proposta de análise. O jogo entre valor conotado e denotado torna o discurso de pára-choques ambivalente e peculiar. O valor conotado de cada enunciado é, muitas vezes, responsável pela recuperação da voz ideológica.

Com referência à terceira hipótese, a análise dos enunciados demonstrou que, por abordar temáticas que interessam a algumas camadas do povo brasileiro, temáticas enquadradas na modalidade realidade e com verbo expresso no tempo presente do modo indicativo, os enunciados não envelhecem. De acordo com Greimas,<sup>9</sup> o presente torna-se o tempo a-histórico por excelência e ajuda a enunciar verdades eternas, sob a forma de simples constatações. A temática plural, a realidade, o indicativo e principalmente o tempo presente possibilitam aos enunciados vencer a ação do tempo e permanecer como uma ordem moral, uma verdade absoluta expressa sempre no tempo atual. Confirma-se, então, que os enunciados de pára-choques são atemporais: suas mensagens estão sempre atualizadas, não pertencendo nem ao passado nem ao futuro.

A quarta hipótese é comprovada na medida em que os enunciados de pára-choques seguem um paradigma quanto a seu conteúdo e a sua expressão. Este modelo deve ser seguido ao serem elaborados mais enunciados de pára-choques. As constantes que os caracterizam são as seguintes:

### **Plano do conteúdo**

- a) Tema constante: mulher, homem, amor, religiosidade, pobreza, relações afetivas, comportamento ou trabalho-dinheiro;
- b) Estrutura polifônica: presença de vozes responsáveis por níveis distintos de significação. Existe uma voz responsável pelo teor de informação; uma voz responsável pela comunicação de força e efeito e uma voz eminentemente ideológica que marca os traços preconceituosos, autoritários e machistas desse tipo de texto;
- c) Figuras de manipulação: predomínio da intimidação e / ou sedução.

---

<sup>9</sup>. GREIMAS, A. J. *Sobre o sentido*. Petrópolis: Vozes, 1975.

## Plano da expressão

- a) Organização do enunciado: predomínio da complexidade descritiva, com estrutura frasal sujeito - verbo de ligação - predicativo;
- b) Índices formais: expressão da modalidade realidade, com modo indicativo e verbos conjugados no tempo presente na 3ª. pessoa gramatical do singular (ele);
- c) Acréscimo de indicadores de modalidades, como orações coordenadas sindéticas;

A transformação nominal, trabalhada por *Meleuc*<sup>10</sup> nos provérbios, é conceituada nos enunciados de pára-choques como frase nominal. As frases nominais seguem todo o paradigma do plano do conteúdo e os itens do plano da expressão, não relacionados ao verbo.

Quanto à nossa última hipótese, de os enunciados de pára-choques serem uma transformação textual/discursiva de provérbios, ditos e máximas, chegamos às seguintes constatações:

- a) Os enunciados de pára-choques, assim como os provérbios, possuem um todo de significação;
- b) Os enunciados de pára-choques, assim como os provérbios, possuem a predominância do verbo ser, dada a grande quantidade de definições apresentadas;
- c) Os enunciados de pára-choques, assim como os provérbios, são elementos conotados, pois apresentam transferência de significado de um lugar semântico para outro;
- d) O sistema verbal predominante em enunciados de pára-choques e provérbios é semelhante. Ambos apresentam-se no presente do indicativo ou imperativo tematizado no presente, o que garante a permanência do enunciado através do tempo, por meio da reenunciação em qualquer tempo ou lugar;
- e) Os enunciados de pára-choques, assim como os provérbios, apresentam uma relação de equivalência: um termo vale tanto (ou não vale) quanto o outro. Essa relação é puramente comparativa, definindo os elementos em termos de essência e não de quantidade;
- f) Os enunciados de pára-choques, assim como os provérbios, constituem um discurso de autoridade pois provêm de uma sabedoria anônima que se impõe pela força ao impedir a reciprocidade característica do intercâmbio lingüístico;
- g) Os enunciados de pára-choques têm a pretensão de proferir uma verdade absoluta, assim como os provérbios vistos por *Maingueneau*.<sup>11</sup> um fenômeno enunciativo que permite ao locutor proferir falas pelas quais não se responsabiliza.

---

<sup>10</sup> MELEUC, S. *Structure de la maxime*. Langages, Paris: Didier-Larousse, 13, mars 1969.

<sup>11</sup> MAINGUENEAU, D. *Novas tendências em análise do discurso*. Campinas: Pontes, 1989.

Nota-se que os enunciados de pára-choques não possuem um discurso novo, apesar da forma peculiar como as temáticas são abordadas. Percebemos que os provérbios têm muitos aspectos compartilhados pelos enunciados de pára-choques. Observando por esse prisma as duas modalidades de texto e discurso, é possível confirmar a hipótese anterior.

“Somente o Adão mítico, abordando com sua primeira fala um mundo ainda não posto em questão, estaria em condições de ser ele próprio o produtor de um discurso isento do já dito na fala de outro. Nenhuma palavra é ‘neutra’, mas inevitavelmente ‘carregada’, ‘ocupada’, ‘habitada’, ‘atravessada’ pelos discursos nos quais ‘vivem’ sua existência socialmente sustentada. <sup>12</sup>(*Bakhtin*; 1988: 100-114).

Relacionando o corpus em estudo com o mundo referencial (realidade), passamos a tecer algumas considerações sobre cada grupo temático encontrado:

A temática mulher reflete, de forma clara, a visão predominante da ideologia machista. O tema mulher é trabalhado, explícita e implicitamente, através de metáforas e de comparações. A mulher é definida, na maior parte dos enunciados, por grotescas comparações (alça de caixão, cebola, Elma Chip’s, fotografia), fechando o enunciado com uma definição de caráter preconceituoso. Ela é representada como objeto de consumo masculino, deixando transparecer a ideologia machista e preconceituosa que está inserida nessa camada de nossa sociedade: “Mulher é como cebola, a gente chora mas come”.

Os enunciados sob o tema homem foram agrupados fundamentalmente pelo valor conotado dos vocábulos. Os enunciados desse grupo temático jogam com o “não ser versus agir como se fosse”, instaurando assim a duplicidade de sentido. O homem é representado por meio de características e de atitudes de animais, exaltando, dessa forma, a sua virilidade. A masculinidade é apresentada por meio de expressões populares que assumem um valor sexual: “Não sou sapo mas adoro uma perereca”.

O amor como temática dos enunciados apresenta-se de forma singela, romântica e simples. As considerações sobre o amor são apresentadas sob a forma de afirmação, apoiando-se no conhecimento popular ou sabedoria dos antigos: “Amor é como fumaça: sufoca, mas passa”.

A religiosidade presente nos enunciados reflete a fé cristã arraigada na cultura popular brasileira. Deus é representado como um aliado poderoso que recompensa os que têm fé. Ao mesmo tempo em que os enunciados transmitem fé e esperança para um amanhã melhor, também denunciam a exploração religiosa por algumas seitas: “Jesus é o caminho: Bispo Macedo é o pedágio”.

A pobreza é retratada de forma crítica e, paradoxalmente, bem humorada e, por vezes, preconceituosa. O estado de pobreza da população é denunciado por meio de enunciações que buscam salientar, de forma insólita, os problemas sociais brasileiros. Muitas vezes esses enunciados transmitem preconceito em relação à existência de uma camada social miserável: “Ladrão em casa de pobre só leva susto”.

---

<sup>12</sup> BAKHTIN. Questões de literatura e estética. São Paulo: Hucitec/UNESP, 1988.

Os enunciados que versam sobre as relações afetivas são caracterizados por atitudes ou expressões que envolvem casamento e sexo, valorizando o último e desaconselhando o primeiro. “Te dou 100 vestidos se me deres 100 calcinha”.

Os enunciados reunidos sob a temática comportamento criticam atitudes da sociedade e ditam regras morais sobre conduta. Condenam as ações mesquinhas da humanidade, manifestando repúdio a tais atitudes. Os enunciados desse grupo são extremamente autoritários e manifestam seu poder apoiados na sabedoria popular ou dos antigos: “Não me inveje, trabalhe”.

Os enunciados que versam sobre a temática trabalho-dinheiro expressam, em sua maioria, as preocupações do profissional motorista de caminhão (as ausências constantes e a saudade do lar). Os enunciados apontam para situações singulares do cotidiano do trabalhador caminhoneiro. São enunciados simples, mas que demonstram a consciência de um profissional esclarecido quanto à importância de sua função na economia brasileira: “Moro na estrada, passeio em casa”.

A comprovação das hipóteses apresentadas e a observação dos resultados também nos possibilitaram interpretar os enunciados de pára-choques como um texto/discurso que tem pretensões de ser corrente na língua popular. A pretensão de se estabelecerem como uma ordem moral, uma verdade absoluta é encaminhada por meio da aproximação paradigmática com os provérbios. Porém, ao contrário destes, que existem em todas as camadas do povo e foram consagrados pelos ‘antigos’ que os transmitiram de boca em boca, os enunciados de pára-choques ainda possuem um público bem limitado, restrito.

Em vista dos resultados encontrados, podemos dizer que os enunciados de pára-choques, assim como o provérbios, constituem enunciados de caráter atributivo, não referencial, o que faz deles enunciados sob medida para falar sem comprometimento.

O que temos de realidade é a singularidade de enunciados com vocabulário simples e ao mesmo tempo conotado, carregados ideologicamente de preconceito e discriminação, possuindo uma forma peculiar de divulgação. Difundidos diariamente nas rodovias brasileiras, os enunciados de pára-choques continuam sendo um discurso fechado, sem uma locução corrente na linguagem diária da população, mas com pretensão de ser, como evidenciam as semelhanças entre o corpus estudado e os provérbios.

A análise do conteúdo e da expressão do corpus trabalhado permitiu que chegássemos a essas conclusões. Gostaríamos de deixar claro que os resultados obtidos não se fundamentam numa análise exaustiva, razão pela qual não pretendemos resultados definitivos. Convém esclarecer, também, que esta é apenas uma possibilidade de análise. Em se tratando de estudos de linguagem, é possível estabelecer ligações entre outros teóricos do texto e discurso e obter novos e diferentes resultados. Esperamos, contudo, ter contribuído para um maior conhecimento e divulgação desse universo de discurso.

## OBRAS CONSULTADAS

1. AUSTIN, J.L. *Quando dizer é fazer*. Trad. de Danilo Marcondes de Souza Filho. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990.

2. AUTHIER - REVUZ, J. *Heterogeneidade(s) Enunciativa(s)*. Cad. Est. Ling., Campinas, 19: 25 - 42, jul/dez 1990.
3. AUTHUSSER, L. *Ideologia e aparelhos ideológicos do estado*. 3. ed. Lisboa: Presença, s.d.
4. BAKHTIN, M. *Marxismo e filosofia da linguagem*. São Paulo: Hucitec, 1981.
5. ----- . *Questões de literatura e estética*. São Paulo: Hucitec/UNESP, 1988.
6. BARBOSA, M. A. *Língua e discurso: contribuição aos estudos semânticos - sintáxicos*. 2. ed. rev. São Paulo: Global, 1981.
7. BARTHES, R. - *o Novos ensaios críticos grau zero da escritura*. São Paulo: Cultrix, 1986.
8. ----- . *Elementos de semiologia*. Lisboa: Edições 70, 1984.
9. BENVENISTE, E. *Problemas de lingüística geral I*. 2. ed. Campinas: Pontes, 1988.
10. ----- . *Problemas de lingüística geral II*. Campinas: Pontes, 1985.
11. CASTRO, M. L. D. *Uma interpretação da frase imperativa*. Revista Linguagens, Porto Alegre: Associação Brasileira de Semiótica - Regional Sul, 1, out/1986.
12. CEGALA, D. P. *Novíssima gramática da língua portuguesa*. Editora Nacional: São Paulo, 1993.
13. CHARAUDEAU, P. *Langage et discours - éléments de sémiolingüistique; théorie et pratique*. Paris: Hachette, 1983.
14. ----- . *Grammaire du sens et l'expression*. Paris: Hachette, 1992. 2 v.
15. CUNHA, C. *Gramática do português contemporâneo*. 6. ed. rev. Belo Horizonte: Bernardo Álvares, 1976.
16. DUBOIS, J. et alii. *Dicionário de lingüística*. São Paulo: Cultrix, 1978.
17. DUCROT, O. *O dizer e o dito*. Campinas: Pontes, 1987.
18. ----- . *Enunciação*. In: Enciclopédia Einaudi. Linguagem e enunciação. Imprensa Nacional: Casa da Moeda, 1984.
19. GREIMAS, A. J. *Sobre o sentido*. Petrópolis: Vozes, 1975.
20. GREIMAS, A.J. et alii. *Análise estrutural da narrativa*. Petrópolis: Vozes, 1976.
21. GREIMAS, A. J. & COURTÉS, J. *Dicionário de semiótica*. São Paulo: Cultrix, s/d.
22. GUIMARÃES, E. *Polifonia e tipologia textual*. In: FAVERO, L. & PASCHOAL, (org.) *Lingüística textual/texto e leitura*. São Paulo: PUC, 1986.
23. ----- . *Texto e argumentação: um estudo das conjunções do português*. Campinas: Pontes,

- 1987.
24. HJELMSLEV, L. *Prolegômenos a uma teoria da linguagem*. São Paulo: Perspectiva, 1975.
  25. -----, *Ensaio lingüísticos*. São Paulo: Perspectiva, 1991.
  26. IMBS, P. *L'emploi des temps verbaux em français moderne*. Paris: Klincksieck, 1960.
  27. JAKOBSON, R. *Lingüística e comunicação*. São Paulo: Cultrix, USP, 1974.
  28. JOLLES, A. *Formas simples*. São Paulo: Cultrix, 1976.
  29. LADRIÈRE, J. *Articulação do sentido*. In: -----, *Linguagem auto-implicativa e linguagem bíblica segundo Evans*. São Paulo: EPU/EDUSP, 1977.
  30. KOCH, I.G.V. & FAVERO, L. *Contribuição a uma tipologia textual*. Letras e Letras, Uberlândia, 3 (1): 3-10, jun. 1987.
  31. MAINGUENEAU, D. *Novas tendências em análise do discurso*. Campinas: Pontes, 1989.
  32. MELEUC, S. *Structure de la maxime*. Langages, Paris: Didier-Larousse, 13, mars 1969.
  33. MORA, J. F. *Dicionário de filosofia*. Lisboa: Quixote, 1982.
  34. MORENO, C. & GUEDES, P. C. *Curso básico de redação*. Porto Alegre: Audipel, 1977.
  35. ORLANDI, E.P. *A linguagem e seu funcionamento*. São Paulo: Brasiliense, 1983.
  36. PETIT JEAN, A. *Les typologies textuelles*. Revue Pratiques, Paris, 68, jun. 1989.
  37. ROCHA, R. *A enunciação dos provérbios; descrições em francês e português*. São Paulo: ANNABLUME, 1995.
  38. SANT'ANA, A.R. de. *Paródia, paráfrase e cia*. São Paulo: Ática, 1985.
  39. SAUSSURE, F. *Curso de lingüística geral*. São Paulo: Cultrix. 1976.